

RAYMOND CARVER

# 68 contos

*Tradução*

Rubens Figueiredo

*Introdução*

Rodrigo Lacerda

Copyright dos contos: de *Você poderia ficar quieta, por favor?* © Raymond Carver 1976, Tess Gallagher 1989; de *Do que estamos falando quando falamos de amor* © Raymond Carver 1981, Tess Gallagher, 1989; de *Catedral* © Raymond Carver 1983, Tess Gallagher, 1989; de *Me telefone se precisar* © Tess Gallagher, 2000; de *Fogos* © Raymond Carver 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, Tess Gallagher, 1989

Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

*Revisão*

Erika Nakahata

Camila Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Carver, Raymond, 1938-1988.  
68 contos de Raymond Carver / Raymond Carver ; tradução  
Rubens Figueiredo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1713-0

I. Contos norte-americanos I. Título.

10-06467

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Contos : Literatura norte-americana 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

9 Introdução — Alguma coisa lá no fundo, *Rodrigo Lacerda*

25 Nota do editor

## PRIMEIROS CONTOS

29 Estações tempestuosas

45 O cabelo

49 Os aficionados

55 Possêidon e companhia

57 Maçãs vermelhas e lustrosas

## VOCÊ PODERIA FICAR QUIETA, POR FAVOR?

67 Gordo

72 Vizinhos

78 A ideia

83 Eles não são seu marido

90 Você é médico?

99 O pai

101 Ninguém falou nada

- 116 Sessenta acres
- 128 O que tem no Alasca?
- 141 Escola noturna
- 147 Cobradores
- 154 O que você está fazendo em San Francisco?
- 163 A mulher do estudante
- 171 Ponha-se no meu lugar
- 187 Jerry, Molly e Sam
- 200 Por quê, querido?
- 206 Os patos
- 212 O que acha disso?
- 220 Bicicletas, músculos, cigarros
- 230 São milhas de verdade?
- 239 Sinais
- 246 Você poderia ficar quieta, por favor?

DO QUE ESTAMOS FALANDO QUANDO FALAMOS DE AMOR

- 269 Por que não dançam?
- 275 Visor
- 279 Mr. Coffee e o Sr. Conserta-Tudo
- 283 Coreto
- 290 Eu conseguia enxergar as menores coisas
- 295 Sacos
- 302 O banho
- 310 Diga às mulheres que a gente vai dar uma volta
- 318 Depois do jeans
- 327 Tanta água tão perto de casa
- 335 A terceira coisa que matou meu pai
- 347 Uma conversa séria
- 354 A calma
- 360 Mecânica popular
- 362 Tudo grudava nele
- 369 Do que estamos falando quando falamos de amor
- 383 Mais uma coisa

FOGOS

- 389 Distância
- 399 A mentira
- 403 O chalé
- 415 A morte de Harry
- 423 O faisão
- 430 Cadê todo mundo?
- 441 Tanta água tão perto de casa

CATEDRAL

- 463 Penas
- 483 A casa do Chef
- 488 Preservação
- 497 O compartimento
- 506 Uma coisinha boa
- 531 Vitaminas
- 547 Cuidado
- 559 De onde estou ligando
- 574 O trem
- 581 Febre
- 604 A rédea
- 622 Catedral

CONTOS RECOLHIDOS

- 642 O que você quer ver?
- 658 Me telefone se precisar
- 669 Sonhos
- 679 Vândalos
- 692 Lascas

705 *Sobre o autor*

## Nota do editor

Como está esclarecido na introdução, Raymond Carver tinha o hábito de reescrever seus contos, na maioria das vezes a partir das observações de seu editor.

Para que o leitor tenha uma dimensão desse trabalho, nesta coletânea optou-se por manter versões modificadas de quatro contos publicados em diferentes livros de Carver. “Uma coisinha boa” é uma versão de “Banho”; “Mr. Coffee e o Sr. Conserta-Tudo” é uma versão de “Cadê todo mundo”; “Tudo grudava nele” é uma versão de “Distância” e apesar de “Tanta água tão perto de casa” ter recebido o mesmo título em duas coletâneas, trata-se de versões modificadas do mesmo conto.

Além disso, cabe ressaltar que no livro *Iniciantes* (Companhia das Letras, 2009) há também versões muito diferentes, não editadas, de todos os contos do livro *Do que estamos falando quando falamos de amor*, aqui reproduzidos da maneira como foram originalmente publicados (incorporando os cortes sugeridos por Gordon Lish, editor de Carver).

PRIMEIROS CONTOS

# Estações tempestuosas

*O tempo que fez das pirâmides*

*Pilares de neve, e tudo se desfaz num instante.*

Sir Thomas Browne

A chuva mete medo. O topo das montanhas do outro lado do vale já está encoberto pela densa neblina cinzenta. Nuvens negras e velozes, com seus rolos e cúpulas, estão vindo dos montes, descem para o vale e passam sobre os campos e os terrenos baldios na frente do edifício de apartamentos. Se Farrel solta a imaginação, consegue ver as nuvens como cavalos negros de crinas brancas e flamejantes e, virando para trás, devagar, inexoravelmente, carruagens negras, aqui e ali com um cocheiro de penacho branco na cabeça. Agora ele fecha a porta de tela e vê sua mulher descer a escada devagar. Ao chegar embaixo, ela vira para ele e sorri, e ele abre a porta de tela e acena com a mão. Pouco depois ela sai. Ele volta para o quarto, senta na grande poltrona de couro embaixo do abajur de metal e apoia os braços ao longo das laterais da poltrona.

Está um pouco mais escuro no quarto quando Iris sai do banho envolta num roupão folgado e branco. Ela puxa o banco debaixo da penteadeira e senta diante do espelho. Com a mão direita, pega uma escova de plástico branca, o cabo enfeitado com uma imitação de pérolas, e começa a pentear o cabelo em movimentos longos, abrangentes, ritmados, a escova descendo ao longo de seu cabelo com um ligeiro chiado. Ela segura o cabelo sobre um ombro com a mão esquerda, enquanto faz movimentos extensos, abrangentes e ritmados com a mão direita.



Ela para e acende o interruptor de luz acima do espelho. Farrel pega uma revista grossa de fotografias na bancada ao lado da poltrona e estende a mão a fim de acender o abajur, tateando por trás do quebra-luz, semelhante a um pergaminho, em busca do interruptor. A luz fica a sessenta centímetros do seu ombro direito e o abajur marrom estala quando seus dedos tocam nele.

Está escuro lá fora e o ar tem um cheiro de chuva. Iris pergunta se ele não vai fechar a janela. Ele olha para a janela, agora um espelho, vê a si mesmo e, por trás, Iris sentada à penteadeira, olhando para ele, e um outro Farrel, mais escuro, fitando uma outra janela ao lado de Iris. Ele ainda precisa telefonar para Frank e confirmar a caçada que planejaram fazer na manhã seguinte. Ele vira as páginas. Iris tira a escova do cabelo e bate com ela na beirada da penteadeira.

“Lew”, diz ela. “Sabia que estou grávida?”

Sob a luz da lâmpada, as páginas lustrosas estão abertas numa foto sombreada de página dupla, de um cenário de catástrofe, um terremoto em algum lugar do Oriente Médio. Há cinco homens quase gordos, vestindo calças largas, brancas, parados diante de uma casa desmoronada. Um deles, na certa o líder, usa um chapéu branco e sujo, inclinado sobre um olho, o que dá ao homem um aspecto misterioso e malévolo. Está olhando de lado para a câmera, enquanto aponta para um rio ou um braço de mar, no lado mais remoto do entulho, para além da montanha de destroços. Farrel fecha a revista e deixa que ela escorregue do seu colo quando fica de pé. Apaga a luz e então, antes de seguir para o banheiro, pergunta: “O que você vai fazer?”. As palavras são secas, apressadas, como folhas velhas nos cantos escuros do quarto e, no mesmo instante em que as palavras saem, Farrel tem a sensação de que a pergunta já foi feita por outra pessoa, muito tempo atrás. Ele se vira e vai para o banheiro.

O banheiro está com o cheiro de Iris; um odor quente, úmido, ligeiramente pegajoso; talco Primavera Nova e água de colônia Idílio do Rei. A toalha de Iris está jogada atrás da privada. Na pia, ela derramou talco. Agora o talco está molhado, pastoso, e formou um círculo amarelo em volta das bordas brancas da pia. Ele esfrega, lava e a água leva o talco pelo ralo.

Ele está fazendo a barba. Virando a cabeça, dá para ver a sala. Iris está sentada de perfil no banco diante da velha penteadeira. Ele põe de lado a navalha e lava o rosto, em seguida pega outra vez a navalha. Nesse instante, ouve os primeiros pingos de chuva baterem no telhado...

Depois de algum tempo, ele apaga a luz acima da penteadeira, senta de novo na grande poltrona de couro e fica escutando a chuva. A chuva cai em rajadas curtas, palpitantes, de encontro à sua janela. O palpitar suave das asas de um passarinho branco.

Sua irmã percebeu. Ela guarda o passarinho numa caixa, joga umas flores para ele por cima da caixa, às vezes balança a caixa para que os dois escutem o passarinho batendo as asas de encontro às laterais da caixa, até que, certa manhã, ela mostra a ele, estende as mãos com a caixa na direção dele, não tem mais nenhum bater de asas lá dentro. Só um barulho mole, áspero que o passarinho faz na hora em que ela inclina a caixa de um lado para o outro. Quando ela lhe dá a caixa para ele se desfazer daquilo, ele joga a caixa e seu conteúdo no rio, nem quer abri-la, porque ela começou a ficar com um cheiro gozado. A caixa de papelão tem quarenta e cinco centímetros de comprimento, quinze de largura e dez de profundidade, e ele tem certeza de que é uma caixa de biscoitos Floco de Neve, porque era isso o que ela usava para guardar os primeiros passarinhos.

Ele sai correndo pela margem lamacenta do rio, seguindo a caixinha. É um barco fúnebre e o rio barrento é o Nilo, e logo vai desaguar no oceano, mas antes disso o barco vai se incendiar, o passarinho branco vai sair voando para algum lugar nos campos do seu pai, onde ele vai encontrar e caçar o passarinho no meio de um capinzal alto e verde, com ovos e tudo. Ele corre pela margem, as moitas chicoteiam sua calça, um ramo chega a bater em sua orelha, e a caixa ainda não pegou fogo. Ele arranca umas pedras da margem e começa a jogar no barco. E aí começa a chover; pingos enormes, tempestuosos, que borrifam lama e explodem na água, varrendo o rio de uma margem a outra.

Agora já faz horas que Farrel está deitado na cama, quanto tempo ele não sabe. De vez em quando se erguia apoiado num ombro, com cuidado para não acordar sua mulher, espiava na mesinha de cabeceira dela, tentando avistar o despertador. Estava virado só um pouco na direção dele e, se erguendo sobre um ombro como estava fazendo, tomando o maior cuidado possível, só podia ver que os ponteiros amarelos marcavam três e quinze ou duas e quarenta e cinco. Lá fora, a chuva batia de encontro à janela. Ele se virou e deitou de costas, as pernas bem abertas embaixo do lençol mal tocavam o pé esquerdo da sua mulher, enquanto ele escutava o relógio na mesinha de cabeceira. Enfiou-se embaixo da

colcha outra vez e depois, como estava quente demais e suas mãos suavam, empurrou para trás as cobertas sufocantes, retorcendo os dedos no lençol, amassando o tecido entre os dedos e apertando-o na palma das mãos, até ter a sensação de que as mãos estavam secas.

Lá fora, a chuva caía em nuvens, erguendo-se em ondas contra a débil luminosidade amarela, como uma multidão de minúsculos insetos amarelos que atacassem furiosamente a janela em rajadas e ondulações. Ele se virou e começou lentamente a se aproximar de Lorraine, até que as costas lisas dela tocaram em seu peito. Por um momento, ele a segurou com delicadeza, com cuidado, a mão pousada na concavidade da barriga de Lorraine, os dedos dele deslizaram por baixo da faixa elástica de sua calcinha e a ponta dos dedos mal tocou os pelos duros, feito escova, mais abaixo. Então uma sensação estranha, como entrar num banho quente e sentir-se criança outra vez, com as recordações voltando numa torrente. Retirou a mão e afastou-se, saiu da cama e andou até a janela, onde a água escorria.

Lá fora, havia uma vasta e estranha noite de sonho. A luz do poste de rua, um lúgubre obelisco marcado por cicatrizes que se erguia no meio da chuva com uma débil luz amarela na extremidade. Na base do poste, a rua estava negra, lustrosa. A escuridão girava e pressionava as margens da luz. Ele não conseguia enxergar os outros apartamentos e por um instante foi como se estivessem destruídos, tal como as casas da foto que ele estava vendo horas antes. A chuva aparecia e desaparecia na janela, como um véu escuro se abrindo e fechando. Lá embaixo, a chuva inundava o meio-fio. Inclinando-se um pouco mais, até poder sentir na testa as correntes frias de ar que penetravam por baixo da janela, via sua respiração formar uma névoa. Tinha lido em algum lugar, e se lembrava de ter visto uma foto certa vez, possivelmente na revista *National Geographic*, em que grupos de pessoas de pele morena estavam parados em volta de suas cabanas vendo o sol nascer encoberto pela geada. A legenda dizia que eles acreditavam que se podia ver a alma na própria respiração e explicava que eles estavam cuspidando e soprando na palma das mãos, oferecendo a alma a Deus. Sua respiração desaparecia enquanto ele estava olhando, até que só restou um pequenino círculo, um ponto, e depois nada. Deu as costas para a janela e foi até suas coisas.

Remexeu no armário em busca de suas botas impermeáveis, as mãos apalparam as mangas de todos os casacos, até ele achar o impermeável liso de borracha. Foi até a gaveta pegar meias e ceroulas, em seguida pegou a calça e a camisa

e levou a braçada de roupas pelo corredor até a cozinha, antes de acender a luz. Vestiu-se e calçou as botas antes de começar o café. Bem que gostaria de acender a luz da varanda para o Frank, mas por algum motivo isso não parecia direito, com Iris deitada lá dentro na cama. Enquanto o café coava fez sanduíches, e quando o café terminou ele encheu uma garrafa térmica, pegou uma xícara no guarda-louça, encheu e sentou-se perto da janela, de onde podia ver a rua. Fumou, bebeu o café e ouviu o relógio do fogão apitar. Um pouco de café entornou sobre a xícara e gotas marrons escorreram devagar pelas laterais até a mesa. Esfregou os dedos no círculo molhado sobre o tampo áspero da mesa.

Ele está sentado à escrivaninha no quarto da irmã. Está sentado na cadeira de espaldar reto diante de um grosso dicionário, os pés enroscados embaixo do assento da cadeira, os saltos dos sapatos enganchados na trave que une os pés da cadeira. Quando ele se inclina e se apoia pesadamente sobre a mesa, um dos pés dela fica em falso, sem tocar o chão, de modo que ele precisou enfiar uma revista embaixo do pé da mesa. Está fazendo um desenho do vale onde mora. No início, pretendia fazer um desenho que havia num dos livros escolares da sua irmã, mas, depois de usar três folhas de papel e não ter acertado a mão, resolveu desenhar o seu vale e a sua casa. De vez em quando ele para de desenhar e esfrega os dedos na superfície áspera da mesa.

Lá fora, o ar de abril ainda está úmido e frio, a friagem que chega depois da chuva da tarde. A terra, as árvores e as montanhas estão verdes, e a neblina está em toda parte, sobe das gamelas no curral, do poço que seu pai construiu e da campina, em colunas vagarosas, em forma de caneta, e também sobe do rio e alcança as montanhas como uma fumaça. Ele pode ouvir o pai gritando para um dos homens e ouvir o homem praguejar e responder com gritos. Põe o lápis de desenho na mesa e desliza da cadeira para o chão. Lá embaixo, na frente da casa de defumação, avista o pai trabalhando com o defumador. Aos pés dele, há um rolo de uma corda marrom e o pai está batendo e puxando na barra do defumador, tentando sacudir aquilo para fora e para longe do celeiro. Tem na cabeça um boné de lã marrom do Exército e a gola manchada do seu jaleco de couro está virada, deixando à mostra o forro branco sujo. Após um golpe final do defumador, ele se vira de frente para os homens. Dois deles, canadenses grandes, de cara vermelha, de chapéus de flanela sebosos, arrastam a ovelha na direção de seu pai. Seus punhos estão cerrados e afundados na lã e um deles tem o braço enrolado em volta das patas dianteiras da ovelha. Eles seguem na direção do celeiro, meio

arrastando a ovelha, meio obrigando a ovelha a andar sobre as pernas traseiras, como numa dança louca. O pai grita outra vez e eles seguram a ovelha contra a parede do celeiro, um deles monta a cavalo sobre a ovelha, força a cabeça do animal para trás e para cima, na direção da janela. As narinas da ovelha são fendidas escuras, com pequenos filetes de muco que escorrem para dentro da boca. Os olhos ancestrais e vidrados fitam o homem por um momento, antes de ela tentar balir, mas o que sai é um guincho penetrante, na hora em que o pai corta a cabeça da ovelha com um golpe de faca largo e rápido. O sangue esguicha nas mãos do homem antes que ele tenha tempo de retirá-las. Em poucos momentos, eles levantam a ovelha no defumador. Ele pode ouvir o enjoativo ruído metálico do defumador na hora em que o pai levanta a ovelha mais alto ainda. Os homens agora estão suando, mas continuam com seus jalecos fechados até em cima.

A partir de um ponto logo abaixo da garganta aberta, seu pai abre o peito e a barriga da ovelha, enquanto os homens pegam as facas menores e começam a cortar a pele do animal e separá-la das pernas. Os intestinos cinzentos deslizam de dentro da barriga fumegante, caem e se amontoam no chão num rolo compacto. Seu pai resmunga e, com uma pá, joga os intestinos da ovelha dentro de uma caixa, enquanto fala alguma coisa sobre um urso. Os homens de cara vermelha riem. Ele ouve a correntinha tilintar no banheiro e depois a água jorrar na descarga da privada. Um instante depois ele se vira para a porta ao ouvir o som de passos que se aproximam. Sua irmã entra no quarto, seu corpo ligeiramente fumegante. Por um momento fica imóvel na porta com a toalha em volta do cabelo, uma mão segura as pontas da toalha juntas, a outra mão está na maçaneta. Seus seios são redondos e têm um aspecto liso, os mamilos parecem o cabinho da delicada fruta de porcelana que fica na mesa da sala. Ela solta a toalha, que desliza para baixo, esbarra no pescoço, toca nos seios e vai cair embolada a seus pés. Ela sorri, lentamente põe a mão sobre a boca e fecha a porta com um puxão. Ele se vira de novo para a janela, os dedos do pé se contraem dentro do sapato.

Farrel estava sentado à mesa bebericando seu café, fumando de novo com o estômago vazio. Ouviu um carro na rua, levantou-se depressa da cadeira e foi até a janela da varanda para ver. O carro entrou na rua em segunda e depois reduziu na frente de sua casa, dobrando a esquina com cuidado, a água se encrespando na altura dos eixos, mesmo assim o carro foi em frente. Ele sentou-se à mesa outra

vez e escutou o relógio elétrico do fogão apitar. Seus dedos se contraíram em torno da xícara. Então viu as luzes. Elas vieram oscilando rua abaixo, saindo da escuridão; duas luzes de alerta estavam fixadas na estreita parte frontal do carro, próximas uma da outra, a chuva branca e pesada caía diante das luzes, batendo com força na rua à frente. A chuva jorrava numa torrente pela rua, diminuía um pouco mais adiante e depois ficava mais calma, já bem perto da janela.

Ele recolheu suas coisas e depois foi para a varanda. Iris estava lá, estendida debaixo de um monte confuso de colchas pesadas. Mesmo no momento em que ele procurava um motivo para a ação, como se de algum modo estivesse separado de si mesmo, agachado do outro lado da cama dela, observando a si mesmo fazer aquilo, e ao mesmo tempo sabendo que estava acabado, moveu-se na direção da cama de Iris. Irresistivelmente, curvou-se sobre o vulto de Iris, como se ele pairasse suspenso, livre de todos os sentidos, exceto do olfato, e ele inalou profundamente em busca do aroma fugaz do corpo de Iris, curvou-se até seu rosto ficar junto às cobertas e ele experimentar o cheiro outra vez, só por um instante, e depois o cheiro se foi. Ele recuou, lembrou-se da sua arma, fechou a porta às suas costas. A chuva chicoteava seu rosto. Ele se sentiu quase atordoado, com os dedos fechados em torno da arma e segurando no corrimão para se firmar. Por um minuto, olhando da varanda para a calçada preta e arrepiada, foi como se estivesse sozinho numa ponte em algum lugar, e de novo veio a sensação, como na noite anterior, de que aquilo já havia acontecido, sabendo na mesma hora que aquilo iria se repetir, assim como de algum modo ele sabia disso também agora. “Meu Deus!” A chuva açoitava seu rosto, escorria pelo nariz e pelos lábios. Frank buzinou de leve duas vezes e Farrel desceu com cuidado os degraus molhados e escorregadios da entrada da casa em direção ao carro.

“Chuvarada das boas, caramba!”, disse Frank. Homem grande, com um casaco acolchoado e grosso, zíper fechado até o queixo e um boné marrom de pala em forma de bico de pato que lhe dava o aspecto de um implacável juiz de beisebol. Ajeitou as coisas no banco de trás para que Farrel pudesse pôr as suas coisas ali.

A água corria de encontro às sarjetas, recuava junto aos bueiros nas esquinas e de vez em quando eles viam pontos onde a água havia transbordado acima do meio-fio, inundando algum jardim. Seguiram pela rua até o fim e depois dobraram à direita numa rua que iria levá-los à estrada principal.

“Isso vai nos atrasar um pouco, mas, puxa vida, pense só naqueles gansos!”